



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
PLANO DE AÇÕES ARTICULADAS FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO  
BÁSICA- PARFOR  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA PEDAGOGIA

NAYZA OLIVEIRA MORAES

**AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM:** um estudo nos anos  
iniciais do ensino fundamental na Escola Santa Rita de Cássia em Muaná

MUANÁ  
2019

NAYZA OLIVEIRA MORAES

**AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM:** um estudo nos anos  
iniciais do ensino fundamental na Escola Santa Rita de Cássia em Muaná

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção de grau  
em Licenciatura Plena em Pedagogia, pela  
Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Profa. MSc. Lídia Sarges Lobato.

MUANÁ  
2019

NAYZA OLIVEIRA MORAES

**AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM:** um estudo nos anos  
iniciais do ensino fundamental na Escola Santa Rita de Cássia em Muaná

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela Prof.<sup>a</sup> Lídia Sarges Lobato, apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção de grau em Licenciatura em Pedagogia.

Data da aprovação: 09/08/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. MSc. Lídia Sarges Lobato  
Orientadora – UFPA

---

Profa. MSc. Aline da Paixão Furtado  
Examinadora – UFPA

---

Prof. Mestrando Ruan Felipe Carvalho Vilhena  
Examinador – UFPA

Aos meus pais Antonio e Nazaré, aos meus irmãos Antonio Henrique e Alice, ao meu amor Rogerio e sua família e a minha orientadora Lída Sarges.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à Deus pela força e oportunidade de cursar uma universidade, e a todos que me ajudaram direta ou indiretamente a trilhar esse caminho até então, em especial a minha família por toda ajuda me dando suporte para que esse sonho se realizasse com sucesso.

A minha orientadora Lídia Sarges pelos ensinamentos, esclarecimentos, contribuições, carinho, dedicação e paciência na construção desse trabalho, o meu muito obrigada.

Ao professor Daniel Sidônio pela ajuda durante o curso.

Por todos os professores que contribuíram na minha formação acadêmica, em especial a professora Joyce Ribeiro, professor Waldir de Abreu e professora Vilma Brício, por todo incentivo e dedicação para com nossa turma.

A todos meus colegas e em especial; Luciana, Edilene, Vanusa e Edna que foram minhas companheiras de trabalho e de amizade durante todo o curso.

“Defino a avaliação da aprendizagem como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação, por si, é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo”.

(Cipriano Carlos Luckesi)

## RESUMO

O presente trabalho intitulado *Avaliação no processo de ensino aprendizagem: um estudo nos anos iniciais do ensino fundamental na escola Santa Rita de Cássia Muaná* apresenta a seguinte problemática: Qual importância da avaliação nos anos iniciais do ensino fundamental da escola Santa Rita de Cássia? Onde se objetivou fazer uma reflexão sobre avaliação, buscando identificar os métodos avaliativos utilizados pelos professores dos anos iniciais do ensino fundamental. Sabemos que avaliação da aprendizagem se faz presente em nossas escolas como mecanismo utilizado pelos professores, para acompanhar o desempenho seus alunos durante todo período de ensino-aprendizagem, para tanto busquei refletir em autores que são referência no assunto como Luckesi (1997), (2005), Araújo (2009) entre outros. E para dar encaminhamento ao processo da pesquisa, como procedimento metodológico, optou-se pela pesquisa etnográfica, onde a mesma baseia-se na pesquisa de campo, fazendo uso da observação participante, conversação e captura de imagem e o diário de campo para possível tradução e análise. Os informantes da pesquisa foram: um professor e duas professoras do ensino fundamental I. Através das análises dos dados obtidos com a pesquisa etnográfica realizada na escola, chego à conclusão que os professores praticam uma avaliação diagnóstica e contínua, e fazem uso de alguns recursos avaliativos que de certa forma, ajuda na melhoria da aprendizagem de seus educandos, apesar de ainda usarem a prova como uma ferramenta de ameaça e classificação, vejo neles um interesse e uma preocupação com ensino-aprendizagem dos seus alunos.

**Palavras-chave:** Avaliação. Educação. Ensino-aprendizagem.

## **ABSTRACT**

The present work entitled Evaluation in the teaching-learning process: a study in the early years of elementary school at Santa Rita de Cássia Muaná presents the following problem: What is the importance of evaluation in the early years of elementary school at Santa Rita de Cássia? It aimed to make a reflection on assessment, seeking to identify the evaluation methods used by teachers in the early years of elementary school. We know that assessment of learning is present in our schools as a mechanism used by teachers to monitor their students' performance throughout the teaching-learning period, so this work sought to reflect on authors who are reference in the subject as Luckesi (1997), (2005 ), Araújo (2009) among others. And to give direction to the research process, as a methodological procedure, it was used na ethnographic research, where it is based on field research, making use of participant observation, conversation and image capture and the field diary for possible translation and analysis. The research informants were: one teacher and two elementary school teachers I. Through the analysis of the data obtained from the ethnographic research carried out in the school, it was possible to conclude that the teachers practice a diagnostic and continuous evaluation, and make use of some evaluative resources. While in some ways helping to improve the learning of their students, although they still use the test as a threat and classification tool, it is possible to see in them an interest and concern with teaching and learning of their students.

**KEYWORDS:** Evaluation. Education. Teaching-learning.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 01:</b> Escola Santa Rita de Cássia .....	25
<b>Figura 02:</b> Fichas de leitura .....	27
<b>Figura 03:</b> Prova diagnóstica .....	29
<b>Figura 04:</b> Alunos fazendo uso dos livros paradidáticos .....	30
<b>Figura 05:</b> Aluna do 2º ano fazendo atividade do livro didático .....	31
<b>Figura 06:</b> Atividade avaliativa feita pelos alunos do 4º ano .....	33

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM .....</b>	<b>15</b>
2.1 Avaliação: aspectos históricos .....	15
2.1.1 Avaliação da aprendizagem frente a novos desafios .....	17
2.2 Elencando tipos de avaliação .....	20
2.2.1 Avaliação Diagnóstica .....	20
2.2.2 Avaliação Formativa .....	21
2.2.3 Avaliação Somativa .....	22
<b>3 AVALIAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA SANTA RITA DE CÁSSIA EM MUANÁ .....</b>	<b>25</b>
3.1 Recursos avaliativos usados pelos professores .....	26
3.2 Tipos de avaliação acionados nas salas de aula .....	32
3.3 O que dizem os professores da educação básica, quando o assunto é <i>avaliação</i> ? .....	35
<b>4 CONCLUSÃO .....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa etnográfica desenvolvida durante 3 meses na escola Santa Rita de Cássia, que fica situada no município de Muaná, estado do Pará, mais especificamente no Rio Atatá. Teve como objetivo fazer uma reflexão sobre a avaliação, propondo-se identificar os métodos avaliativos utilizados pelos professores dos anos iniciais do ensino fundamental.

A avaliação no contexto brasileiro, se organiza através de vários aspectos, a serviço de um modelo de sociedade e de educação. Para Neto e Aquino (2009, p. 224) “diante das dificuldades que se impõem atualmente à melhoria da qualidade da educação, a avaliação destaca-se como um conjunto de conhecimentos imprescindíveis ao cotidiano docente, na medida em que se constitui como prática reflexiva do ensino e aprendizagem”. A avaliação deveria ser um instrumento de mediação, em meios aos processos e não o fim, ou seja, o resultado final.

Nossos educandos estão sendo expostos à provas/exames em larga escala, com a finalidade de promover rankings, premiações, que geram repreensões nas escolas. Luckesi (2005) afirma que as práticas da avaliação atual, estipulou a função de avaliar a classificação e não ao diagnóstico, como deveria ser. “Classificações essas que são registradas e podem ser transformadas em números e, por isso, adquirem a possibilidade de serem somadas e divididas em médias” (LUCKESI, 2005, p. 34).

Tais exames, na verdade, não promovem as mudanças que deveriam fazer na educação, para uma transformação social, pois quando determinada escola não alcança o objetivo traçado, acaba sofrendo as consequências, enquanto aquela que alcançou as melhores notas é promovida e premiada. Mas será que agindo dessa forma, nosso país suprirá lacunas deixadas pelo baixo índice de desenvolvimento na educação, conceituadas por essas notas?

Muitas vezes, o problema nem é próprio da escola ou do/a professor/a, pode ser de um sistema que não age corretamente para corrigir esses problemas como deveria. E a escola em muitas ocasiões acaba seguindo um modelo que não contribui para promover uma educação de qualidade.

De acordo com Luckesi (1997) a avaliação da aprendizagem nos dias de hoje, ainda permanece a serviço da classe dominante, com propósito de manter os modelos conservadores de avaliação, fazendo com que suas práticas se revelem tanto conservadoras quanto autoritárias em suas análises; o que acaba resultando em disciplinas escolares, classificando e hierarquizando os alunos. Em meio a essa teia de fatos e aspectos que reflete na avaliação e na

educação, lanço minha problemática: Qual a importância da avaliação nos anos iniciais do ensino fundamental da escola Santa Rita de Cássia?

Na tentativa de encontrar resposta satisfatória foram criados dois objetivos específicos: 1) Refletir sobre a importância do processo avaliativo para educação; 2) Identificar os recursos e os tipos avaliações usados pelos professores na escola e o que os mesmos pensam sobre avaliação.

A metodologia escolhida foi a etnografia que segundo James Clifford. A etnografia “ela se configura na verdade como um campo articulado pelas tensões, ambiguidade e indeterminações própria do sistema de relações do qual faz parte” (CLIFFORD, 1998, p.10); a etnografia é uma atividade híbrida imersa do começo ao fim pela escrita, pois a mesma exige do/a pesquisador/a o “esteve lá”, experimentar o campo de pesquisa, tanto a observação participante, as conversações, as capturas de imagens acionadas como ferramentas para a produção de informações, revelando o diário de campo, para uma possível tradução e escritura.

Quando iniciei minha pesquisa de campo baseada no conceito etnográfico, pude fazer observação e conversação junto aos professores da escola em questão, para saber como estavam fazendo para avaliar seus alunos. No momento da pesquisa tive um pouco de dificuldade, pois fazer da pesquisa em si, não é uma tarefa fácil, requer do/a pesquisador/a um olhar atento a tudo que o cerca, visto que a pesquisa etnográfica é um campo que na vida acadêmica me foi exposta em poucos momentos, e por essa razão encontrei inúmeras dificuldades. Dificuldades essas que pude sanar quando comecei a conhecer e estudar mais sobre a etnografia.

James Clifford (1998) afirma que a observação participante pode parecer por muitas vezes um ato enganoso se feito de qualquer jeito, mas se cuidadosamente reformulado com seus verdadeiros significados, como uma lógica entre a experiência e interpretação, e assim poderá atender seu real conceito etnográfico de fazer pesquisa. Segundo Clifford (1998, p. 20) “[...] o trabalho de campo etnográfico permanece como um método notavelmente sensível”, e por essa razão a pesquisa de campo na escola com os professores foi feita de maneira que pudesse distinguir, de algum modo os métodos avaliativos usados pelos educadores da escola pesquisada.

Para tanto, a pesquisa etnográfica me possibilitou está lá para observar e refletir de forma conceitual a rotina dos/as professores/as e alunos/as durante o período em campo. Assim, pude descrever suas maneiras de avaliar o ensino e aprendizagem dos educandos.

A observação participante serve como uma fórmula para o contínuo vaivém entre o “interior” e o “exterior” dos acontecimentos: de um lado, captando o sentido de ocorrências e gestos específicos, através da empatia; de outro, dá um passo através, para situar esses significados em contextos mais amplos. Acontecimentos singulares, assim adquirem uma significação mais profunda ou mais geral, regras estruturais, e assim por diante (CLIFFORD, 1998, p. 33).

A etnografia busca posicionar-se entre o que acontece no interior e no exterior dos eventos da pesquisa, fazendo com que os acontecimentos sejam registrados e contextualizados, para que haja uma significação mas ampla e real do campo pesquisado. E esses acontecimentos, surgem em meios as observações, conversações, no universo e lócus de pesquisa que foi a escola Santa Rita de Cássia, o vaivém do pesquisador/a, do olhar atento as práticas de avaliação e da aprendizagem.

O interesse inicial para realização da pesquisa, foi referente a dificuldade que tenho no que diz respeito à forma de avaliar meus alunos, por isso fiz a escolha por essa temática, e por querer que outros educadores possam ter conhecimento sobre o tema e também para, talvez, preencher lacunas existentes no meio acadêmico. No processo de ensino-aprendizagem, os educadores necessitam encontrar a melhor forma de avaliar seus alunos, conhecendo os mesmos e suas inúmeras dificuldades em sala de aula, transformando a avaliação classificatória em uma avaliação contínua e diagnóstica, em outras palavras, a avaliação precisa ser um instrumento que possa contribuir para desenvolvimento da aprendizagem dos educandos.

No âmbito acadêmico, permitirá que outros estudantes ou professores de pedagogia em formação tenham a oportunidade de pensar, refletir sobre o tema em questão, avaliando e encontrando caminhos, e pistas para avaliar seus alunos, e como também, de maneira que contribua para uma transformação, assim, como bem coloca Luckesi (2005, p. 28) “[...] uma avaliação escolar a serviço de uma pedagogia que entenda e esteja preocupada com a educação como mecanismo de transformação social”. Nesse sentido, “a avaliação é uma ferramenta da qual o ser humano não se livra. Ela faz parte de seu modo de agir e, por isso, é necessário que seja usada da melhor forma possível” (LUCKESI, 1997, p.118-119).

Do ponto de vista social, a presente pesquisa possibilitará uma reflexão acerca daquilo que podemos fazer hoje, em relação ao contexto que estamos vivendo, em tempos de avanços tecnológicos, em que precisamos estar conectados, e também com provas/exames em larga escala com funções classificatórias e desclassificatórias, que ditam os currículos das escolas, e frente a todas essas demandas, a avaliação conduz, de alguma maneira uma tomada de decisão.

O texto encontrar-se organizado da seguinte maneira: a primeira seção refere-se ao referencial teórico sobre a avaliação da aprendizagem, e sua importância para educação, desde seu surgimento até os dias atuais, como era e como está no atual contexto educacional.

Na segunda seção apresentarei aos leitores a pesquisa etnográfica referente a avaliação da aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental da escola Santa Rita de cássia, junto aos professores, onde farei uma breve análise em suas práticas avaliativas, e finalmente uma reflexão sobre a importância da avaliação educacional na escola.

## 2 AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Nesta seção busco apresentar a avaliação da aprendizagem desde de seu surgimento até os dias atuais, fazendo um paralelo entre autores de referência no assunto como embasamento teórico, refletindo sobre sua importância no processo avaliativo em que nossas escolas então inseridas. Ainda nessa seção apontarei alguns tipos de avaliações, que mais comumente são praticadas em nossas escolas, bem como os novos rumos que avaliação da aprendizagem vem tomando com os efeitos da avaliação em larga escala na educação.

### 2.1 Avaliação: aspectos históricos

“A avaliação se faz presente em todos os domínios da atividade humana. O “julgar”, o “comparar”, isto é, “o avaliar” faz parte de nosso cotidiano [...]” Chueiri, (2008, p. 51). O ato de avaliar vem se fazendo presente no nosso dia a dia, para isso é necessário entender como a avaliação começou a fazer-se presente nas escolas como ferramenta pedagógica.

Por volta dos séculos XVI e XVII pelos padres, jesuítas, a avaliação começou a ser pensada, no entanto, era denominada como exames e provas, mas que pouco a semelhavam com real conceito de avaliação, pois segundo Luckesi (2003, apud CHUEIRI, 2008, p.53):

A tradição dos exames escolares, que conhecemos hoje, em nossas escolas, foi sistematizada nos séculos XVI e XVII, com as configurações da atividade pedagógica produzidas pelos padres jesuítas (séc. XVI) e pelo Bispo John Amós Comênio (fim do séc. XVI e primeira metade do século XVII).

Os jesuítas desempenharam uma ampla influência na vida social e política daquele período, pois eles eram contra o pensamento crítico e livre, e usavam da provas e exames para colocarem em prática suas doutrinas e conhecimentos (SAKAMOTO e VERÁSTEGUI, 2010).

Ainda segundo os autores Sakamoto e Verástegui (2010, p, 5) “na educação jesuítica todo estava prescrito, afim de não ofender a fé. Devia-se observar desde a posição das mãos, até o modo de levantar os olhos, para evitar qualquer forma de independência pessoal. A pedagogia dos jesuítas influenciou quase todo o mundo inclusive o Brasil”, desse modo a educação dos jesuítas, era um ensino voltado para atender tanto os que faziam parte daquela sociedade, como também, para seguir as doutrinas da igreja, e assim faziam uso dos exames de maneira que pudessem estabelecer a ordem e a disciplina.

Nesse período a avaliação começou a amostrar-se como um instrumento pedagógico, produzida para atender as necessidades de idealizar uma avaliação daqueles que eram mais e os menos aptos no recinto escolar, fazendo desses exames uma forma de classificação. De acordo com Araújo (2009, p. 14) “a avaliação classificatória tem como principal objetivo separar e ranquear o sujeito em relação a outro. Seja aluno, professor, funcionários, diretor, ela está sempre marcada por um ponto de referência que nem sempre é o mesmo para todos”.

Neste sentido, a avaliação teve seu principal objetivo de aprovação e reprovação, ao invés de diagnosticar o problema e tentar resolver, procurando soluções através de outros mecanismos pedagógicos, o professor mantém-se preso e enraizado a esse tipo de avaliação, pois muitos refletem em suas práticas os ensinamentos que por hora aprenderam, reproduzindo em suas metodologias.

A necessidade de avaliar sempre se fará presente, não importando a norma ou padrão pela qual baseie-se o modelo educacional. Não há como fugir da necessidade de avaliação de conhecimentos, muito embora se possa, com efeito, torná-la eficaz naquilo a que se propõe: a melhora de todo o processo educativo (SANTOS; VARELA, 2007, p. 5).

Ainda com Santos e Varela (2007) a prática conhecida hoje é sucessora da mencionada época, que constitui-se pela exclusão e marginalização de grande parte dos sujeitos da sociedade. Observando, a avaliação educacional não começou a ser pensada como diagnóstica, e sim classificatória e excludente, pois fazia parte daquela sociedade burguesa excluir os menos favorecidos das escolas, para que assim, pudesse serem submetidos a seus mandos e desmandos daquele tempo, e até mesmos nos dias de hoje, acredito que ainda é praticado esse tipo de avaliação. Para Luckesi (1997, p.165-166) “em decorrência de padrões histórico-sociais, que se tornaram crônicos em nossas práticas pedagógicas escolares, a avaliação no ensino assumiu a prática de “provas e exames”; o que gerou um desvio no uso da avaliação”.

A avaliação da aprendizagem foi idealizada por Ralph Tyler na década de 30, a esse respeito Luckesi (1997, p. 170) destaca que “[...] a avaliação poderia e deveria subsidiar um modo eficiente de fazer o ensino”. Embora a avaliação pensada por Tyler apresentasse o objetivo de priorizar a educação de qualidade, ainda continua-se praticando provas e exames nas escolas. Luckesi (1997, p. 171) afirma que, “em nossa prática escolar, hoje, usamos a denominação de avaliação e praticamos provas e exames, uma vez que esta é mais compatível com o senso comum exigido pela sociedade burguesa e, por isso, mais fácil e costumeira de ser executada”.

A avaliação escolar, assim como está organizada, acaba muitas vezes mascarada por exames e provas em larga escala, com a função classificatória, deixando de diagnosticar as dificuldades que os educandos estão apresentando nas atividades em sala de aula, impossibilitando o/a professor/a de intervir em prol do conhecimento e aprendizagem.

[...] a avaliação é um processo abrangente da existência humana que implica reflexão sobre a prática, no sentido de diagnosticar seus avanços e dificuldades e, a partir dos resultados, planejar tomadas de decisão sobre as atividades didáticas posteriores. Nesse contexto, a avaliação deveria acompanhar o aluno em seu processo de crescimento, contribuindo como instrumento facilitador da aprendizagem (VASCONCELLOS, 1998 apud NETO; AQUINO, 2009, p. 227).

A avaliação é um processo que implica o repensar, instrumento de suma importância para a educação, para a formação e transformação humana. Nesse sentido, a avaliação não necessariamente precisaria julgar, e sim proporcionar a compreensão dos níveis e das condições que os educandos se encontram, acompanhando e contribuindo com seu crescimento.

Para Neto e Aquino (2009) esse contexto nos leva a concluir que a avaliação é um meio imprescindível para a aprendizagem, haja vista, que o processo educativo deve apontar para a construção de uma prática avaliativa, comprometida com a aprendizagem, e com o crescimento pessoal e intelectual do educando.

### **2.1.1 Avaliação da aprendizagem frente a novos desafios**

Vivemos em uma época com constantes transformações, grandes avanços científicos, tecnológicos, que repercutem na escola, na educação dos indivíduos, na sociedade como um todo. A avaliação em larga escala é uma realidade presente do sistema educacional. Onde temos a autonomia do professor mais uma vez, ameaçada em sala de aula. São tempos difíceis, com muitos desafios a serem enfrentados principalmente na educação, o tempo parece não ser mais suficiente, e todos devem seguir um cronograma que priorize os conteúdos que serão abordados nesses exames, o que acaba no entanto, tornando-se os currículos das escolas, por causa dessas avaliações Cunha e Müller (2018).

É evidente que este processo de avaliação externa dá lugar a uma notável desprofissionalização da função docente. O professor, de algum modo, deixa de ser dono dos seus próprios actos, perde autonomia profissional e converte-se num instrumento de objectivos e de normas impostas de fora para dentro (ROSALES, 1992, p. 85 apud AFONSO, 2009, p. 41).

Embora a avaliação educacional tenha sofrido algumas mortificações ao longo do tempo, no que se refere a aprendizagem dos alunos, ainda precisamos nos manter atentos para que realmente a avaliação seja pensada, para facilitar o diagnóstico das dificuldades dos educando, e assim transformar as práticas e métodos utilizados pelos professores, para que desse modo não cometam o mesmos erros que já foram praticados no passado. Pois acredito que, se planejarmos nossas aulas em conjunto com a avaliação como mediadora, estaremos colocando em exercício o real papel da avaliação educacional, tão sonhada por pesquisadores da área da educação.

[...] planejamento e avaliação são atos que estão a serviço da construção de resultados satisfatórios. Enquanto o planejamento traça previamente os caminhos, a avaliação subsidia os redirecionamentos que venham a se fazer necessários no percurso da ação. A avaliação é um ato de investigar a qualidade dos resultados intermediários ou finais de uma ação, subsidiando sempre sua melhora (LUCKESI, 1997, p.165).

Fazendo um paralelo com o autor é preciso que o planejamento e avaliação estejam interligados, para que ação de ensino-aprendizagem seja iniciada e concluída, com mesmo empenho que foi planejado desde o começo. Entretanto, o modo como vemos a avaliação também influencia, a maneira que iremos fazer a avaliação, ou seja, “avaliar é também privilegiar um modo de estar em aula e no mundo, valorizar formas e normas de excelência, definir um aluno modelo, aplicado e dócil para uns, imaginativo e autônomo para outros” Perrenoud (1999, p. 09 apud, Sakamoto e Verástegui 2010, p. 7).

Partindo desta reflexão, “o professor tem o papel importante no processo de aprendizagem, desde que possibilite ao aluno oportunidades para a reconstrução do conhecimento socialmente produzido” (NETO e AQUINO, 2009, p. 226). Aqui a tarefa, do educador é encontrar a melhor forma de avaliar seus alunos, pois, somente o ato de dar aula não é suficiente, é necessário manter a atenção, certificando-se que, de fato os alunos estão aprendendo.

Nesse sentido, Neto e Aquino (2009, p. 227) esclarecem:

De forma geral, a avaliação da aprendizagem pode ser definida como um meio de que o professor dispõe de obter informações a respeito dos avanços e das dificuldades dos alunos, constituindo-se como um procedimento permanente, capaz de dar suporte ao processo de ensino e aprendizagem, no sentido de contribuir para o planejamento de ações que possibilitem ajudar o aluno a prosseguir, com êxito, no seu processo educacional.

Ou seja, a avaliação da aprendizagem deveria ser o momento em que o professor dispõe para avaliar o conhecimento de seu aluno e o que ele aprendeu. “Nesse contexto, a avaliação

deveria acompanhar o aluno em seu processo de crescimento, contribuindo como instrumento facilitador da aprendizagem”, Neto e Aquino (2009, p. 227). Além de ser a mediação entre o conhecimento e o aluno, e não o resultado final, ao invés disso a mesma é compreendida muitas vezes pelas provas/exames, interpretada como símbolo classificatório, do ritual da escola, sendo muitas vezes pensada para aprovar ou reprovar, sem que seja no intuito de orientar na aprendizagem (LUCKESI, 1997).

Luckesi (2005, p. 40) argumenta “de instrumento de diagnóstico para o crescimento, a avaliação passa a ser um instrumento que ameaça e disciplina os alunos pelo medo”. Classificando em bons, médios e inferiores, excluindo em algumas vezes a oportunidade daquele que só tem a educação, como uma possibilidade de um futuro melhor.

“A utilização das provas como ameaça aos alunos, por si, não tem nada a ver com o significado dos conteúdos escolares, mas sim com o disciplinamento social dos educandos, sob a égide do medo” Luckesi (1997, p. 21-22). A escola pode desenvolver no seu contexto educativo ações que visassem combater as injustiças sociais, principalmente quando essas injustiças acontecem no âmbito escolar, quando um/a professor/a deixa de lado um educando, quando esse não é bom aluno, sendo esse o que mais precisa de sua ajuda. No entanto, há muito ainda a ser feito para melhorarmos a qualidade da educação brasileira, começando por desconstruir a visão da educação como mercadoria, pois nos olhos do capitalismo é apenas mão de obra para mercado de trabalho.

Desse modo,

o sistema social não demonstra estar tão interessado em que o educando aprenda, a partir do momento que investe pouco na Educação. Os dados estatísticos educacionais estão aí para demonstrar o pequeno investimento, tanto do ponto de vista financeiro quanto do pedagógico, na efetiva aprendizagem do educando (LUCKESI, 1998, p. 137, apud SAKAMOTO e VERÁSTEGUI, 2010 p.14).

Os autores lançam pistas, ou melhor dizendo chamam nossa de atenção, para a realidade, devemos ficar mais atentos para o rumo que está tomando a educação de nossas crianças, principalmente a falta de interesse por parte dos governantes frente aos investimentos financeiros na aprendizagem do educando, são tantos cortes na educação que as escolas pedem socorro, e em contrapartida as provas em larga escalas têm se elevado, o que acaba excluindo e hierarquizando nossas crianças e jovens, tirando as poucas oportunidades que estes tem de um futuro melhor.

## 2.2 Elencando tipos de avaliação

A avaliação caracteriza-se por desenvolver um papel fundamental na educação. Apesar dela ter essa função no ensino, muitas vezes os educadores ficam sem saber qual o tipo de avaliação seguir, e a falta de informações ou de descaso contribuem para essa distorção nos meios de avaliar.

Avaliar corretamente é uma tarefa muito difícil, pois exige qualificação, compromisso, competência, ética, flexibilidade e outras inúmeras qualidades que um bom profissional da educação deve ter. Contudo, de maneira geral, poucas condições são oferecidas para a realização de um ensino de qualidade, que tem relação direta com o modo de avaliar (FILHO et al, 2012, p. 4).

O pensamento acima nos permite fazer uma análise a respeito de como os profissionais da educação deveriam ser com relação a avaliação da aprendizagem, os mesmos necessitam buscar novos métodos de se qualificar.

O reflexo da educação no Brasil, é desanimador. É quase impossível estabelecer um diálogo com a avaliação, sem esbarrar pelo caminho nas questões da desvalorização do professor, com salários baixíssimos, são também pais e mães de família, tendo que fazer grandes esforços, na busca pela formação continuada, e com a participação do Estado mínimo, o professor precisa ter ‘jogo de cintura’, e encontrar o equilíbrio, no processo avaliativo, para não fazer de qualquer jeito, apesar das dificuldades.

E quanto ao ato de avaliar, o mesmo poderá dispor de alguns tipos de avaliação, na intenção de contribuir, lançar pistas, caminhos que talvez possam melhorar a maneira de avaliar nossos alunos, levando em consideração o contexto. Podem ser acionadas pelo menos, três modalidades de avaliação: a avaliação diagnóstica, a formativa e a somativa.

### 2.2.1 Avaliação Diagnóstica

A avaliação diagnóstica se caracteriza por averiguar em que estágio de aprendizagem o educando está, e através desse diagnóstico o/a professor/a poderá estabelecer novos métodos de ensino-aprendizagem, para que assim, possa atingir certos níveis de conhecimento que ainda não era capaz de identificar e compreender.

Com isso, quero dizer que, “a avaliação diagnóstica visa verificar a existência, ou ausência, de habilidades e conhecimentos pré estabelecidos, esta é uma ação que inicia o

processo avaliativo e verifica se os alunos dominam os pré-requisitos para novas aprendizagens” (FREITAS; COSTA E MIRANDA, 2014 p.87).

A avaliação diagnóstica é constituída por uma sondagem, projeção e retrospectiva da situação de desenvolvimento do aluno, dando-lhe elementos para verificar o que aprendeu e como aprendeu. É uma etapa do processo educacional que tem por objetivo verificar em que medida os conhecimentos anteriores ocorreram e o que se faz necessário planejar para selecionar dificuldades encontradas (SANTOS E VARELA, 2007, p. 4).

Isso demonstra que a avaliação diagnóstica tem como base saber se o ensino-aprendizagem foi alcançado ou não, e desta forma planejar novos métodos de ensino, para que possa alcançar os objetivos esperados. Essa modalidade de avaliação é de extrema importância, pois através desta o/a professor/a, poderá usá-la tanto no início do ano letivo, não somente o início, mas sim durante o ano todo. Concebendo ao professor conhecer as dificuldades dos seus alunos, e por meio das informações, poderá intervir na melhoria de qualidade do ensino-aprendizagem do educando.

### **2.2.2 Avaliação Formativa**

Nessa modalidade a avaliação parte do princípio que é preciso saber o porquê do erro, a partir disso, busca soluções definitivas. Entretanto, exige que o responsável esteja atento diariamente as atividades desenvolvidas do educando, somente assim, saberá se o mesmo poderá ou não avançar para outros campos de conhecimentos.

A avaliação formativa buscaria, além disso, compreender o funcionamento cognitivo do aluno em face da tarefa proposta. Os dados de interesse prioritário são os que dizem respeito as representações das tarefas explicitadas pelo aluno e as estratégias ou processos que ele utiliza para chegar a certos resultados. Os “erros” constituem objeto de estudo particular, visto que são reveladores da natureza das representações ou das estratégias elaboradas por ele. A finalidade da recuperação pedagógica será ajudar o aluno a descobrir aspectos pertinentes da tarefa e comprometer-se na construção de uma estratégia mais adequada (SOUZA, 1998, p.67 apud FILHO et al, 2012, p. 7).

A avaliação formativa, está implicada diretamente ao funcionamento cognitivo do aluno, informando sobretudo, quanto aos resultados que foram alcançados, além de apontar as insuficiências, para elimina-las posteriormente na intenção de recuperar aqueles que ainda não conseguiram atingir os resultados almejados.

Em outras palavras, essa modalidade de avaliação mostra ao professor/a em que estágio de ensino-aprendizagem seu alunado se encontra, de tal modo que possa fazer as devidas providencias e ajustes com relação as deficiências encontradas, e assim analisando em conjunto com seus alunos o que necessita ser melhorado.

### **2.2.3 Avaliação Somativa**

A avaliação somativa tem caráter autoritário e conservador, sendo essa a que melhor atende a sociedade conservadora. O professor é centro de tudo, ele decide o que deve ser feito sem que exista diálogo entre ambas as partes. O educando nessa modalidade não tem autonomia de ser expressar, tornando esse tipo de avaliação, excludente e classificatória Filho et al (2012).

O arbítrio do professor aqui é total. Ele decide, sem critério prévio e sem relevância dos dados, conceder ou retirar pontos. Nesse caso, a competência é desconsiderada. Vale a gana autoritária do professor que, com isso, pode aprovar incompetentes, agradar os queridos e reprimir e sujeitar os irrequietos e malqueridos. A avaliação aqui ganha os foros do direito de premiar ou castigar dentro do ritual pedagógico (FILHO et al, 2012, p. 7).

Como bem esclarecido acima, os professores acabam fazendo uso da avaliação como um forma de exercer sua autoridade, e com isso classificando o aluno como se ele fosse um objeto que precisa ser avaliado para saber se é bom ou não.

O sistema educacional, muitas vezes, tem se apoiado na avaliação classificatória com a pretensão de verificar aprendizagem ou competências através de medidas, de quantificações. Este tipo de avaliação pressupõe que as pessoas aprendam do mesmo modo, nos mesmos momentos e tenta evidenciar competências isoladas. Ou seja, algumas, pessoas que por diversas razões têm maiores condições de aprender, aprendem mais e melhor. Outras, com outras características, que não respondem tão bem ao conjunto de disciplinas, aprendem cada vez menos e são muitas vezes excluídos do processo de escolarização (SANTOS; VARELA, 2007, p. 3).

Neste sentido, a avaliação pressupõe que os alunos sejam medidos da mesma forma, pois alguns professores acreditam que os educandos aprendem da mesma maneira e do mesmo modo. Sendo que, cada um tem sua maneira de ser, suas próprias distinções, que se diferenciam umas das outras, significando que a avaliação não deverá ser feita de forma igual para com todos, porque nem todos aprendem e do mesmo modo.

Araújo (2009) ecoa Hoffmann para dizer que a escola não é um concurso, para classificar os melhores e os piores, e sim, que todos aprendem e são capazes, criando uma

relação de confiança, confiança esta que exige o abraço, o bater palmas, o sorriso, o conviver, rompendo com fracasso e a humilhação diante dos outros.

O professor não pode perder de vista, que a avaliação precisa estar no meio e não no fim do processo, como resultado final, o que acaba gerando um sentimento de exclusão. Todavia, a avaliação precisa romper com a imagem de símbolo punitivo e de hierarquia entre os dominantes.

Luckesi (2005) utilizando de uma das expressões do professor Paulo Freire, que reduz as pedagogias a dois grupos, de um lado a domesticação dos educandos e de outro a humanização dos educandos. Noutras palavras, “o primeiro grupo de pedagogias está preocupado com a reprodução e conservação da sociedade e, o segundo, voltado para as perspectivas e possibilidades de transformação social”, Libâneo (1984, apud, LUCKESI, 2005, p. 31-32).

A avaliação deverá manifestar-se como mecanismo de diagnóstico da situação, tendo em vista sempre o avanço e o crescimento, e não a estagnação disciplinadora, Luckesi (2005). No momento em que o/a professor/a planeja sua aula, ele deve ter em mente que seu planejamento poderá ser submetido a avaliação durante todo o curso do mesmo.

Segundo Hoffmann (2005, p. 24) “o tema avaliação configura-se gradativamente mais problemático na educação na medida em que se amplia a contradição entre o discurso e a prática dos educadores”. A maioria dos educadores muitas vezes nem percebem que fazem uma avaliação excludente, dominadora e ameaçadora, ou se percebem optam por essa escolha, como uma forma de se manter como único sujeito de autoridade diante de seus alunos, pois usam dessa ferramenta para ter o controle da turma, uma vez que assim deixam de exercitar o real papel de avaliação.

Nesse sentido, Luckesi (1997) diz que avaliação é um ato amoroso acolhedor, que somente através de análise correta dos fatos é possível saber, o que sucede com aprendizagem dos educandos, para então tomar as devidas modificações necessárias, para que haja avanço significativo na aprendizagem.

De acordo com os pensamentos de Carminatti e Borges (2012, p. 173) “um dos desafios da educação contemporânea é a superação dos resquícios trazidos de geração a geração, por meio de uma ressignificação dos pressupostos teóricos metodológicos e epistemológicos que permeiam a avaliação da aprendizagem”. No entanto, precisamos nos libertar desse processo avaliativo em que nada contribuem para melhoria da educação, que só causa conflitos entre o educador e educando, fazendo do educador um vilão do processo avaliativo.

A partir do diálogo entre os autores apresentados até então, podemos considerar que avaliação da aprendizagem ainda se faz presente em nossas escolas, como meio de punição e de controle, mas não podemos generalizar, pois muito se tem falado e discutido sobre o tema atualmente, e a mudança acredito que já venha acontecendo gradualmente. Apesar do nosso sistema educacional, com as provas em larga escala, ainda colaborem para que essa transformação ocorra de forma mais lenta do que gostaríamos.

Na seção seguinte tratarei da avaliação da aprendizagem desenvolvida na escola Santa Rita de Cássia em Muaná, pelos professores, problematizando o que pensam sobre o tema.

### 3 AVALIAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA SANTA RITA DE CÁSSIA EM MUANÁ

**Figura 01** - Escola Santa Rita de Cássia



**Fonte:** Acervo pessoal da autora, 2019.

A pesquisa etnográfica foi realizada na escola Santa Rita de Cássia, localizada a margem direita do Rio Atatá, no município de Muaná, estado do Pará. Composta por 12 salas de aula, copa, secretaria, biblioteca, sala de professores, almoxarifado, depósito de merenda escolar, diretoria, cinco banheiros e arena de esporte, assim distribuídas em três prédios de madeira.

A escola conta com um quadro funcional de 46 servidores assim distribuídos: Direção, orientação pedagógica, secretárias, professores, apoio e vigias, além 14 transportadores escolares que fazem a rota dos rios adjacentes ao entorno da escola. Possui um total de 542 alunos entre educação infantil, ensino fundamental e médio, distribuídos em dois turnos manhã e tarde.

Os procedimentos metodológicos foram ancorados na etnografia pós moderna de Clifford, pois diz que “a construção da etnografia é artesanal, ligada ao trabalho mundano da escrita” (CLIFFORD, 2016, p. 37), onde a mesma foi baseada na observação participante, na conversação e na captura de imagem. Realizada durante 3 meses, os interlocutores da pesquisa foram: um professor e duas professoras do ensino fundamental I, ressaltando que os nomes dos mesmos aqui neste trabalho são fictícios, pois, não tenho a autorização para a divulgação dos nomes. São eles, professora Maria do 4º ano, com 10 alunos, Claudia do 3º ano, com 12 alunos

e João, educação infantil, 1º, 2º ano com 23 alunos ao todo. Os três professores são formados em Graduação Plena em Pedagogia.

A dificuldade em fazer a pesquisa consistiu em relação ao tempo em si, pois sou professora no horário da manhã, e tive de fazer minha pesquisa no turno da tarde, com isso não pude ficar muito tempo com os professores pesquisados. Mas no final deu tudo certo, e foi bastante proveitosa, pois através dessa pesquisa pude observar o cotidiano e as dificuldades que os professores passam para dar uma educação de qualidade para nossos alunos, além dos conhecimentos das suas práticas de avaliações. Avaliações essas que são praticadas de várias maneiras, sendo assim observada.

A pesquisa de campo se torna favorável na medida em que essa contribui para a formação humana, ou seja, pois através da observação e conversação podemos analisar no cotidiano, como os professores da rede pública praticam a avaliação, não só isso, mas também, todo seu contexto educacional na qual a escola está inserida, seu funcionamento, para então refletir tendo como base a relação entre teoria e prática.

### **3.1 Recursos avaliativos usados pelos professores**

A avaliação estar presente no contexto educacional e os professores são agentes facilitadores da aprendizagem, o que implica na avaliação. E avaliação servirá de instrumento pedagógico que irá auxiliá-lo durante o desenvolvimento da aprendizagem, dessa forma o/a professor/a ficará ciente do que precisa ser revisto em suas ações e os alunos terão a oportunidade de evoluir em seus conhecimentos.

Nesse sentido, Sant'Anna (1995, p. 7 apud Carminatti e Borges 2012, p. 165) esclarece que “a avaliação escolar é o termômetro que permite confirmar o estado em que se encontram os elementos envolvidos no contexto. Ela tem um papel altamente significativo na educação, tanto que nos arriscamos a dizer que a avaliação é a alma do processo educacional”, portanto a avaliação é de suma importância para educação.

Iniciei minha pesquisa pelos recursos que os professores estavam utilizando na escola. Desse modo, os professores pesquisados se utilizam de alguns recursos avaliativo, gostaria de lembrar que os nomes dos interlocutores são fictícios.

Para Santos e Varela (2007, p. 6) “ao avaliar o rendimento escolar do aluno, o professor deve utilizar técnicas diversas e instrumentos variados, pois, quanto maior for a amostragem, mais perfeita será a avaliação”. Portanto, o professor deverá fazer uso de vários instrumentos avaliativos, para se aproximar da problemática, agindo, no rendimento escolar. “Buscando

atender a tal perspectiva, não basta ao professor dar aulas. É preciso estar atento à situação individual de cada aluno. É preciso tirar a limpo, todos os dias, se seus alunos estão aprendendo” (NETO e AQUINO, 2009, p. 226).

O professor ao avaliar seu aluno diariamente, estará praticando uma avaliação que faça seus alunos avançarem em seus conhecimentos. Como Luckesi (1997, p. 150) afirma que “a avaliação é um instrumento auxiliar da melhoria dos resultados”. Todavia, a avaliação é um meio que promove os avanços nos rendimentos almejados, visando uma educação de qualidade.

**Figura 02** - Fichas de leitura



**Fonte:** Acervo pessoal da autora, 2019.

A figura acima está representando as fichas de leitura, muito comum nas salas de aula. As professoras usam essas fichas durante quase todas as aulas, fazendo leitura e praticando a escrita de seus alunos. Foi uma das maneiras encontradas para avaliar o rendimento de seus alunos, no que tange a leitura e a escrita. Constituindo-se em um método tradicional, muito utilizado pelas professoras Maria e Cláudia da referida escola.

Neste sentido, as professoras acreditam que com essa prática pode melhorar o desempenho de seus alunos, na leitura e escrita somente, não valorizando muitas vezes a realidade que se encontram. Nos momentos que estive em contato com as turmas, pude observar que por mais que estivesse realizando as atividades de leitura e escrita, ainda assim,

encontravam-se em face do processo de alfabetização enfrentado muitas dificuldades de vários fatores, o que acabava contribuindo com o atraso, como refletido no relato da professora Maria: “[...] uns dos fatores desses alunos estarem com baixo índice de desenvolvimento é por terem vindo de escolas que funcionavam com multissérie, onde um professor tem que trabalhar com vários anos em uma só turma” (Maria, diário de campo, 2019).

Com relação as classes multisseriadas, Oliveira e Oliveira (2015, p. 225) afirmam:

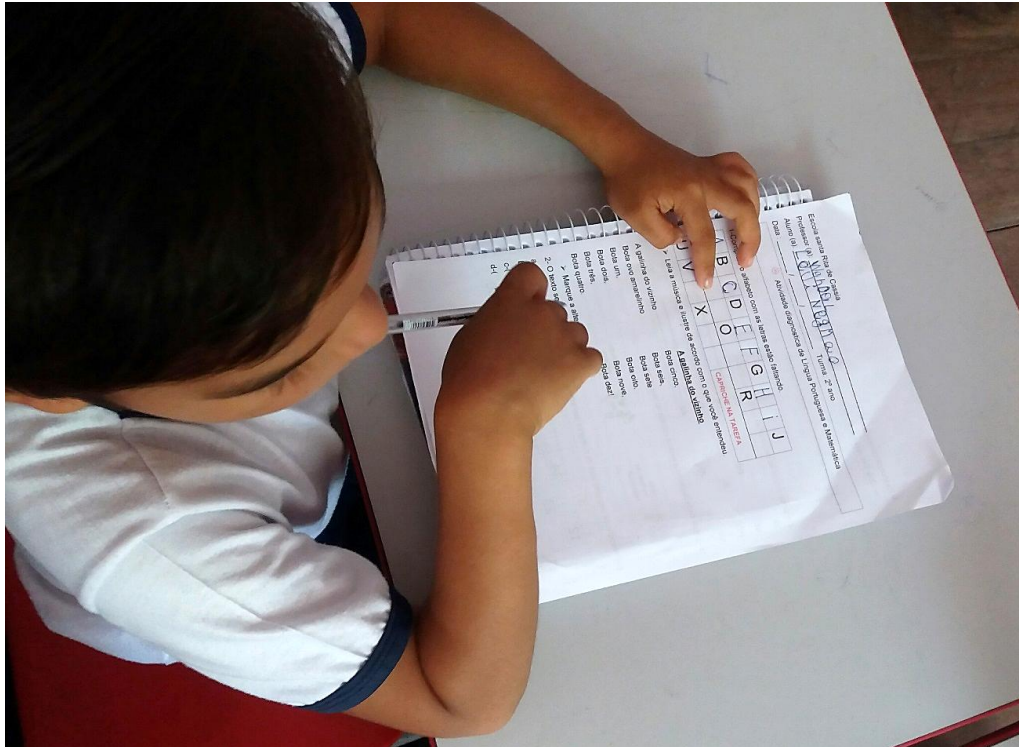
Essa organização escolar traz maior dificuldade para planejamento dos professores, o que tangem ao processo de ensino-aprendizagem, pois exige a elaboração de estratégias variadas, para atender não apenas as diferentes necessidades de conteúdos, como também a grande variação de interesses e modos de interação resultante das diferenças de faixas etárias dos alunos.

Nessa perspectiva, esta modalidade de ensino de certo modo prejudica o processo de ensino-aprendizagem, por reunir em uma mesma classe vários anos, além de dificultar o planejamento do professor. Haja vista, que o professor necessita se organizar e se planejar, levando em consideração a diversidade, com alunos de idade e anos diferentes e dificuldades distintas, mas por outro lado, este modelo de escolarização facilita o acesso de muitas crianças à escola, por ficar as proximidades de suas casas.

Para Oliveira e Oliveira (2015, p. 225) “é um modelo que possibilita que pequenas comunidades rurais, com poucas crianças, não tenham que se deslocar para regiões mais distantes”. Se por um lado, se torna mais difícil para o professor ou professora realizar seus planejamentos, suas aulas para diferentes tipos de alunos, por outro, os alunos ficam tendo acesso à educação próximo de sua localidade. Assim como, melhor acesso a sua cultura e sua organização social, contribuindo com a comunidade futuramente na construção de novos saberes (OLIVEIRA E OLIVEIRA, 2015).

A professora Maria e os demais professores do turno da tarde, estão tendo a mesma dificuldade, pois, quase todos os alunos que ingressaram na escola neste ano, são oriundos das escolas que funcionavam no modelo de multissérie, como visto anteriormente, esse modelo ao mesmo tempo que dificulta o planejamento do professor, colabora para com que os educandos tenham acesso à educação.

**Figura 03** - Prova diagnóstica



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019.

A figura acima representa um aluno do 2º ano do professor João, realizando uma prova diagnóstica. O professor relata que: “A prova seria para saber como alunos estava em relação a leitura e a escrita” (João, diário de campo, 2019).

De acordo com Santos e Varela (2007, p. 6) “um dos propósitos da avaliação com função diagnóstica consiste em informar o professor sobre o nível de conhecimentos e habilidades de seus alunos, antes de iniciar o processo de ensino-aprendizagem, para determinar o quanto progrediram depois de um certo tempo”, ou seja, a avaliação diagnóstica funciona como instrumento, para saber como está o desenvolvimento do aluno, diante dos desafios lançados pelo professor.

Perante os fatos, percebo um maior interesse do professor João para saber como estava o rendimento de seus alunos e seus avanços, para que assim pudesse intervir se algo não saísse como planejado. Além de estar sempre optando por outros caminhos, atento a participação e interesse dos assuntos frente as atividades proposta em sala de aula.

As turmas do professor João funcionavam no turno da tarde, com dois níveis da educação básica: educação infantil e 1ºano e 2º ano do ensino fundamental. Em meio as conversações com o professor João este afirma que:

Estou com dificuldade de trabalhar com as três turmas juntas, devido a maioria serem da educação infantil, que requer maior atenção, por se tratarem de crianças pequenas, e que estão iniciando seus estudos (João, diário de campo, 2019).

Vejo que o professor João encontra-se em uma situação um pouco desconfortável, pois, acredito que trabalhar com dois níveis de ensino, não deve ser nada fácil. Exigindo do professor um olhar mais atento e cuidadoso para o desenvolvimento das crianças, maior planejamento e principalmente uma familiaridade com o métodos avaliativos. Isto é, a avaliação assume um papel fundamental, para identificar os avanços e competências, certificando-se dos conhecimentos que aprendeu ou não.

**Figura 04** - Alunos fazendo uso dos livros paradidáticos



**Fonte:** Acervo pessoal da autora, 2019.

A figura retrata uma aluna fazendo uso dos livros paradidáticos, fornecidos pelo professor, no auxílio dos procedimentos avaliativos dos alunos em conjunto. Embora a maioria dos educandos não soubesse ler, o professor fazia com que eles usassem da imaginação para criarem histórias relacionadas com as figuras que encontravam no livro, esta foi uma das maneiras encontradas pelo professor João, com o intuito de criar um ambiente em que todos da turma pudesse participar da aula.

De acordo com Dadrino et al (2010, p. 35) “evoluir em avaliação é acompanhar o ser humano integralmente. É ouvir, ver, sentir, tocar e relacionar”, assim, podemos notar que a avaliação, pode ser realizada de vários formatos e maneiras, construindo uma formação crítica, e criativa.

**Figura 05** - Aluna do 2º ano fazendo atividade do livro didático



**Fonte:** Acervo pessoal da autora, 2019.

Além dos livros paradidáticos, o professor João desenvolve atividade com livro didático, em vários momentos em suas aulas com os alunos do 2º ano, é uma forma de avaliar a leitura e a escrita dos seus educandos. Já com os alunos do 1º ano, o mesmo passava atividades nos cadernos e fazia orientações das atividades. Estes eram os recursos que utilizava em sala, para ensinar e avaliar.

Sobre os métodos avaliativos o professor ressalta:

Durante o processo de avaliação é importante considera o processo de aprendizagem de cada estudante, por isso, utilizo alguns métodos para elaborar esse processo de avaliação, que é feito por meio da participação e interação dos alunos durante a exposição e reprodução dos assuntos e através da conhecida prova (João, diário de campo, 2019).

Analisando o relato do professor, percebo que o mesmo utiliza métodos inovadores e ao mesmo tempo métodos tradicionais, como a conhecida prova, pois considera que a avaliação é um processo relevante na aprendizagem de seus alunos. Neste sentido, “é importante que se atribua um significado aos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, para que o educando tenha maiores possibilidades de aprendizagem e o educador a satisfação de realizar um trabalho com competência” (DATRINO; DATRINO; MEIRELES, 2010, p. 38).

Seguindo os pensamentos dos autores, os educadores devem ter em mente que a seleção dos conteúdos é fundamental para ensino-aprendizagem dos seus alunos, juntamente com a avaliação feita de maneira eficaz. A respeito dos instrumentos avaliativos Fernandes e Freitas (2007, p. 28) destacam:

É importante ressaltar também que resultados advindos da aplicação dos instrumentos são provisórios e não definitivos. O que o estudante demonstrou não conhecer em um momento poderá vir a conhecer em outro. A questão de tempo de aprendizagem de cada estudante é um fator, na maioria das vezes, pouco levado em consideração. [...] O professor, porém, não necessita e não deve limitar-se esse tipo de instrumentos. Ele pode construir outros que sejam mais sensíveis ao estágio de desenvolvimento específico de seus alunos, confiando que tais instrumentos proporcionarão a dimensão da possibilidade, do “vir a saber”, revelando melhor o papel inclusivo da escola e da educação, a crença no potencial do aprendiz do estudante.

Os recursos avaliativos são facilitadores no processo da aprendizagem, no entanto, não são definitivos, ou seja, determinantes, e sim temporários. As vezes a criatividade e a inovação do professor faz toda a diferença naqueles momentos em que o aluno não está conseguindo compreender e apreender tais conhecimentos. E a capacidade de ousar e se aventurar na educação junto com o educando, proporciona novas possibilidades do ‘vir a saber’, desenvolvendo o seu potencial e habilidades.

### **3.2 Tipos de avaliação acionados nas salas de aula**

Como visto no referencial teórico, se pratica diversos tipos de avaliações nas escolas como por exemplo, a diagnóstica, formativa, a somativa, dentre outras. Assim, podemos compreender que a avaliação é algo que precisamos analisar com muito cuidado em nosso dia a dia na sala de aula, pois é somente através dela que saberemos se o que estamos trabalhando no cotidiano dos nossos alunos é significativo na aprendizagem dos mesmos.

Questionada sobre avaliação, a professora Maria expõe: “Eu avalio meus alunos todos dias, nas atividades realizadas em sala de aula” (Maria, diário de campo, 2019). Fazendo uma análise no relato da professora, podemos perceber que ela realiza uma avaliação contínua e

diagnóstica, pois avalia seus alunos todos dias através das atividades realizadas em sala. Dadrino et al (2010) afirmam que a avaliação quando utilizada para diagnosticar o aprendizado do aluno, serve como uma aliada ao professor, nas tomadas de decisões, ajudando-o a superar suas dificuldades e limites, porém, esse tipo de avaliação requer uma preparação que não o exclua do processo educativo.

**Figura 06** - Atividade avaliativa feita pelos alunos do 4º ano



**Fonte:** Acervo pessoal da autora, 2019.

Na imagem acima, podemos visualizar a aluna da professora Maria, desenvolvendo uma atividade referente as sílabas simples, através da atividade a professora avalia o processo de alfabetização, aprimorando a leitura e a escrita. Logo, “costumo utilizar leituras diversificadas, atividades complementares, pesquisas com temas propícios a série em questão, o livro didático etc” (Maria, diário de campo, 2019).

Apesar da professora Maria não mencionar a prova, quando lhe fiz a pergunta sobre como avaliava seus alunos, percebi nos dias em que fiquei em sua turma, que em alguns momentos de sua aula, a professora lembrava seus alunos, que atividade era importante, pois cairia na prova. Sendo assim, era para prestarem muita atenção e copiarem certo. Apesar da professora não citar a prova em si, este instrumento aparece como pano de fundo, por mais que

aborde em seus relatos somente a avaliação contínua e diagnóstica. A prova neste contexto, reflete um pouco de ameaça, para que os alunos prestem atenção na aula e façam as atividades.

A esse respeito Luckesi (1997, p. 25) fala que a “avaliação da aprendizagem em nossas escolas tem exercido esse papel, por meio da ameaça” a avaliação da professora Maria ainda é pautada em um conceito tradicional, que embora venha buscando mudar o modo de avaliar seus alunos, ainda, prevalece a prova como meio de ameaça para que seus alunos aprendam o que lhes foi ensinado.

Segundo Duarte (2015, p. 60) “avaliação tornou-se um instrumento de ameaça e disciplina da personalidade do educando, deixando de ser uma fonte de decisão de caminhos do crescimento e passando a servir de suporte para a imputação da culpa e do castigo”, sendo assim o/a professor/a, passa a usar avaliação como uma fonte de ameaça para que seus educando sejam disciplinados de acordo com o sistema, ocultando desses mesmos, a possibilidade de crescimento e novos caminhos que poderiam seguir.

Por serem professoras atuantes na área da educação há muito tempo, podem estarem praticando uma avaliação classificatória, por não conhecerem o verdadeiro significado da avaliação e seu papel no ensino. “O professor avalia segundo foi avaliado, inspirando-se em seus professores ao longo de sua escolaridade, e desta forma, a avaliação se mantém como a repetição de um modelo decadente” (FREITAS; COSTA; MIRANDA, 2014, p. 89).

Todavia, a prática avaliativa vem se tornando ao longo dos tempos algo automático, um efeito repetitivo na educação, o que isso não justifica avaliar de qualquer jeito e também não impede que o professor possa buscar outras formações, pois, o mundo estar em constantes transformações, e com avaliação não é diferente.

[...] ao educador individual não pode ser imputada a responsabilidade por todos os desvios da educação. Porém, quanto pior for o exercício do seu trabalho, menores serão as possibilidades de que os educando, de hoje, venham a ser cidadãos dignos de amanhã, com capacidade de compreensão crítica do mundo, condições de participação e capacidade de reivindicação dos bens materiais, culturais e espirituais, aos quais têm direito imaleável. (LUCKESI, 1997, p. 125).

De forma geral não podemos culpar somente o educador pelo fracasso da qualidade de ensino, mas sendo ele o que está diariamente com seu alunado, é de sua responsabilidade dar seu melhor para que seus educandos superem suas dificuldades.

Nas conversações com professor João sobre os tipos de avaliações que o mesmo usava para avaliar seus alunos ele disse:

O processo de avaliação deve se dá diariamente observando o desenvolvimento de cada aluno. Embora nosso município continua utilizando o método tradicional de provas. Mas é evidente que cada educador tem a autonomia de utilizar o seu método avaliativo, minha avaliação se dá durante todo processo de ensino e aprendizagem, observando o desempenho dos alunos nas atividades propostas (João, diário de campo, 2019).

De acordo com professor, podemos evidenciar que o tipo de avaliação praticada por ele é contínua, isso quer dizer que acompanha o desempenho de cada aluno todos os dias, mais ressalta que o município, de modo geral ainda pratica a prova como modelo avaliativo, dando a entender que ele por sua vez também tem que seguir essa linha de avaliação, apesar de demonstrar que não concorda com esse método.

Exercendo a avaliação como uma função classificatório e burocrática, persegue-se um princípio claro de descontinuidade, de segmentação de parcelarização do conhecimento. Registros de resultados bimestrais, trimestrais ou semestrais estabelecem uma rotina de tarefas e provas periódicas desvinculadas de sua razão de ser no processo de avaliação como construção do conhecimento (DATRINO; DATRINO; MEIRELES, 2010, p. 36).

Significa dizer, que a avaliação muitas vezes acaba ficando imposta pelo sistema, e o/a professor/a, acredito, tenham que seguir o modelo imposto, apesar de alguns professores não seguirem esse padrão de avaliação, muitos acabam seguindo por não terem outras perspectivas ou noção do real papel da avaliação na aprendizagem que exerce na educação. Contudo, a avaliação não se resume em apenas um método, e sim, vários, e que o/a professor/a tem plena autonomia para escolher aquele que melhor atenda os anseios de sua turma.

### **3.3 O que dizem os professores da educação básica, quando o assunto é *avaliação*?**

A avaliação está implicada nas relações rotineiras entre o professor e o aluno durante todos os níveis da educação básica e superior. Consistindo em algumas situações até conflituosas, consequências de diversas motivações, seja, pela falta de compreensão de ambos, ou pelo próprio sentido do termo “avaliar”, o que não significa julgar e classificar, e sim, averiguar a aquisição das competências e atrasos de determinada área do conhecimento.

De acordo com Kenski (2004, p. 145-146),

é importante que os estudantes participem da construção de uma avaliação (ou pelo menos tenham conhecimento dela) com o conjunto de evidências, por meio da qual serão observados seus desempenhos na disciplina. Essas evidências formam um conjunto revisável, temporário e diferenciado de critérios para a avaliação do desempenho dos alunos na realização das atividades propostas na disciplina. Tendo claro em que perspectiva está sendo observado e o que se espera de seu desempenho,

o aluno terá (todos os alunos terão) melhores condições de mostrar seus conhecimentos e suas habilidades.

Assim, podemos notar que a avaliação está presente na rotina da escola, porém, o responsável pelas atividades precisa sempre deixar as claras o real motivo da avaliação, realizada por parte do professor ou da professora, para evitar contradições, entre aquilo que será exposto e a avaliação que se aplicará.

No trabalho de campo, através das conversações e entrevista semiestruturada, busquei investigar o que significa para os professores a avaliação no processo de ensino e aprendizagem, se tinham o conhecimento da importância de avaliar.

A professora Maria ressalta que:

Avaliar para mim é fazer parte do processo de ensino-aprendizagem, ou seja, não se deve resumir a apenas um instrumento, como uma prova no bimestre, e sim deve ser feita em vários momentos (Maria, diário de campo, 2019).

Analisando sua resposta, a professora avalia seus alunos durante todo processo de ensino-aprendizagem, praticado assim uma avaliação contínua, avaliação essa que melhor representa a avaliação da aprendizagem defendida por vários estudiosos da área da educação. Visto que, acompanha o rendimento do alunado diariamente, porém como foi observado anteriormente, na pesquisa de campo em sala de aula na turma da professora Maria, ela usa a prova que é o método tradicional.

Porém, tanto a professora Maria quanto os demais professores que fizeram parte da pesquisa, percebi em seus relatos uma preocupação com a qualidade do ensino-aprendizagem, e reconheço seus esforços em encontrar as melhores maneiras de avaliar seus alunos.

Avalio todos os dias, porque através da avaliação diária, que descubro as dificuldades do aluno (Claudia, diário de campo, 2019).

A professora Claudia também pratica uma avaliação contínua com seus alunos, buscando com essa técnica encontrar por quais dificuldades de aprendizagem eles se encontram.

Seguindo esta direção de pensamento, Araújo (2009) parafraseia Villas Boas (2005) para dizer que a avaliação existe com o intuito de conhecer e identificar aquilo que o aluno aprendeu ou não, tornando-se uma verdadeira aliada do aluno e do professor, promovendo a aprendizagem, haja vista, que a aprendizagem e a avaliação andam de mãos dadas.

Avaliar é:

Identificar o grau de conhecimento adquirido durante o processo de ensino e aprendizagem, e se os mesmos estão aptos a desenvolver suas capacidades de ensino e aprendizagem (João, diário de campo, 2019).

O professor relata acima que avaliar é identificar o grau de desenvolvimento do educando, verificando se já estão aptos para avançar e desenvolver outras capacidades, novos horizontes na educação. Fazendo portanto, uma avaliação diagnóstica, dando para avaliação da aprendizagem uma importância, assim como as demais professoras.

Contudo, a pesquisa em si, permiti refletirmos com base nas informações produzidas durante a experiência etnográfica, que os professores sujeitos da pesquisa, praticam no seu dia a dia, a avaliação diagnóstica e a avaliação contínua na sua grande maioria, porém, a prova ainda se faz presente não somente na escola Santa Rita de Cássia, como em diversas escolas brasileiras, ou seja, a prova faz parte do repertório e rituais de nossas escolas, classificando nossos alunos.

De acordo com Kenki (2004) a avaliação da aprendizagem, exige mais que métodos, exige sobretudo uma nova postura dos professores, oferecendo um clima favorável a participação e a liberdade de expressão, para que nossos alunos possam lançar suas dúvidas, manifestar suas inquietações, incompreensões e curiosidades.

Enfim, a avaliação faz parte do processo de ensino-aprendizagem, isso não podemos contestar. Então, necessitamos oferecer para os educandos uma avaliação que ofereça uma verdadeira seriedade no momento de avaliá-lo, concebendo que o ato de avaliar é um momento integrativo, onde todos possam fazer parte dessa ação avaliativa, que a avaliação não sirva apenas para aprovar ou reprovar o aluno, e sim para orientá-lo e dar direcionamento de sua aprendizagem da melhor forma possível.

## 4 CONCLUSÃO

A presente pesquisa foi desenvolvida na escola Santa Rita de Cássia, que objetivou-se refletir sobre avaliação, buscando identificar os métodos avaliativos utilizados pelos professores dos anos iniciais do ensino fundamental. Sabemos que a vida de um/a professor/a em exercício nas escolas brasileiras principalmente nas públicas, enfrentam várias dificuldades, tanto no que se refere aos salários baixos, a falta de valorização, quanto a falta de uma estrutura física do espaço escolar, dentre outras dificuldades.

Com a experiência etnográfica, pude observar a realidade do professor João com suas turmas de educação infantil e ensino fundamental, além dos desafios enfrentados pela professora Maria e pela professora Claudia com seus alunos apresentando dificuldades no processo de alfabetização, gerando consequências na hora de avaliar, porém, todos mostraram-se preocupados e interessados em transformar positivamente a realidade em que se encontra seus respectivos alunos.

Os resultados obtidos por essa pesquisa, juntamente com os professores na escola pesquisada foram, que apesar de ainda usarem a prova como uma ferramenta avaliativa e de ameaça, eles fazem uso de outros modelos avaliativos. Tais como, avaliação diagnóstica e a contínua, apresentando uma certa preocupação em relação aos métodos avaliativos, dando importância maior para momento de fazer a avaliação de seus alunos.

Uma vez que as avaliações em larga escala, estão fortemente presente no território brasileiro, gerando ranques e competições entre as escolas, pois acredito que se fosse usadas com outros propósitos, poderiam contribuir na qualidade da educação. No entanto, no processo de ensino-aprendizagem, a avaliação exerce um papel fundamental na educação, pois é através dela que o professor poderá buscar métodos, visando contribuir para desenvolvimento de habilidades dos seus educandos.

Visto que na maioria da vezes, os professores praticam a avaliação para aprova ou reprova o educando, fazendo de forma apenas classificatória, desviando de sua função no contexto educativo. Não basta, apenas falar em avaliação, como foi ou como ela está na atual conjuntura do processo educativo, se não tomarmos as devidas decisões, tanto por parte do/a professor/a, assim como de todo o sistema educativo, fazendo com que a avaliação seja vista como algo, que faz parte do processo de ensino-aprendizagem como um todo, e não apenas em um momento final com a aplicação da prova.

No processo de construção, da própria automodelagem da pesquisa, posso afirmar que conseguir sanar minhas dificuldades, sobretudo, a maneira de avaliar meus alunos em sala de

aula, pensando sempre em uma avaliação que tenha como intuito em contribuir com a aprendizagem dos educandos. Ressalto ainda, que o curso ofertado pelo programa do PARFOR/UFPA, mudou positivamente a minha atuação na educação básica, principalmente em relação as práticas pedagógicas, pois, a algum tempo vinha trabalhando na escola somente com a prática, porém, faltava-me a teoria, os conhecimentos que giram entorno do campo educacional. Hoje percebo o quanto estes anos de estudos, pesquisas no PARFOR foram importantes, tanto para o meu crescimento e amadurecimento pessoal quanto profissional.

Torna-se evidente que, avaliação da aprendizagem é um tema que muito se tem discutido no cenário educacional, pois é algo importante para a educação, porque busca formar cidadãos conscientes e críticos, que sejam capazes de mudarem suas próprias realidades, mas para que esses resultados sejam obtidos, sugiro que os professores busquem por melhores métodos que venham contribuir para esse fim, auxiliando a qualidade do ensino em nossas escolas. Podendo ser dialogada nas mesas redondas dentro do próprio ambiente escolar, com cursos de formação continuada, roda de conversas com o corpo docente e coordenadores pedagógicos, compartilhando experiências, vivências e encontrando novas possibilidades de avaliar nossos educandos.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Almerindo Janela. **Avaliação educacional: regulação e emancipação: para uma sociologia das políticas avaliativas contemporâneas**. 4. ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

ARAÚJO, Leticia de Almeida. **A avaliação NA escola: um olhar além da sala de aula**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UNB, Brasília, 2009.

CARMINATTI, Simone Soares Haas; BORGES Martha Kaschny. **Perspectivas da avaliação da aprendizagem na contemporaneidade**. Est. Aval. Educ., São Paulo, v. 23, n. 52, p. 160-178, maio/ago. 2012

CHUEIRI, Mary Stela Ferreira. **Concepções sobre a Avaliação Escolar**. Estudos em Avaliação Educacional. v. 19, n. 39, jan./abr, 2008.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Org: José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro, UFRJ, 1998.

CLIFFORD, James; MARCUS, George E. (orgs) [tradução] Maria Claudia Coelho. **A escrita da cultura: poética e política da etnografia**. – Rio de Janeiro: Ed. UERJ Papéis Selvagens edições, 2016. 388 p.

CUNHA, E. C. S.; MULLER, E. R. **Avaliações em larga escala: uma tentativa de controle, regulação, captura e padronização do cotidiano escolar**. Cadernos da Fucamp, v.17, n.29, p. 143 – 163/2018.

DATRINO, Roberto Cezar; DATRINO, Iraci Ferro; MEIRELES, Pedro Henrique. **Avaliação como processo de ensino-aprendizagem**. Revista de Educação, vol, 13, nº 15, 2010.

DUARTE, C. E. L. **Avaliação da aprendizagem escolar: como os professores estão praticando a avaliação na escola**. Holos, ano 31, v. 8, Instituto Federal do Rio de Grande do Norte, 2015.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira; FREITAS, Luiz Carlos de. **Indagações sobre currículo: currículo e avaliação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: [portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ensfun/imadag5.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ensfun/imadag5.pdf) Acesso em: maio de 2019.

FILHO, José Amadeu da Silva; FERREIRA, Celeciano da Silva; MOREIRA, Régia Maria Gomes; SILVA, Sheila Maria Gonçalves. **Avaliação educacional: sua importância no processo de aprendizagem do aluno**. IV FIPED Fórum Internacional de pedagogia, Parnaíba-PI/Brasil. Campina Grande, Realize Editora, 2012.

FREITAS, Sirley Leite; COSTA, Michele Gomes Noé da; MIRANDA, Flavine Assis de. **Avaliação Educacional: formas de uso na prática pedagógica**. Meta: Avaliação | Rio de Janeiro, v. 6, n. 16, p. 85-98, jan./abr. 2014.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista/ Jussara Hoffmann**. – Porto Alegre: Mediação, 2005, 35ª ed. Revista.

KENSKI, Vani Moreira. **Repensando a avaliação da aprendizagem**. In: Repensando a didática. (coord) Ilma Passos Alencastro Veiga. 21 edição, ver. e atual. Campinas, SP: papirus, 2004.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **A avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**, 5. ed. São Paulo, Cortez, 1997.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação educacional Escolar: para além do autoritarismo**. In: Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e preposições. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

NETO, Ana Lúcia Gomes Cavalcanti; AQUINO, Josefa de Lima Fernandes. **A avaliação da aprendizagem como um ato amoroso: o que o professor pratica?** Educação em Revista, Belo Horizonte, v.25, n.02, p.223-240, ago. 2009.

OLIVEIRA, Maria Rita Duarte de; OLIVEIRA, Nazareno do Socorro da Silva. **Classes Multisseridas: Práticas, Memórias e Formação Docente**. In: Margens – Revista Internacional da Divisão de Pesquisa e Pós-Graduação/Campus Universitário de Abaetetuba/Baixo Tocantins/UFGA – v. 8, n. 12 (jun/2015) Abaetetuba/PA: UFGA, 2015.

SANTOS, Monalize Rigon da; VARELA, Simone. **A Avaliação como um Instrumento Diagnóstico da Construção do Conhecimento nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental**, Revista Eletrônica de Educação. Ano I, No. 01, ago. / dez. 2007.

SAKAMOTO, Bernardo Alfredo; VERÁSTEGUI, Mayta Rosa de Lourdes Aguilar. **Avaliação como ato de amor e não de exclusão**. II Simpósio Nacional de educação, XXI Semana de pedagogia, Infância, sociedade e educação, anfiteatro campus de Cascavel, 13 a 16 outubro de 2010.